

Anjos da Perdição

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Lorangeira – UFES
André Lemos – UFBA
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-Rio
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll – UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Juremir Machado da Silva

Anjos da Perdição

futuro e presente na cultura brasileira



Editora Sulina

Copyright © Juremir Machado da Silva, 2021

1ª edição, 1996

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Simone Ceré

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

S586a Silva, Juremir Machado da
Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasileira.
2.ed. / Juremir Machado da Silva. – Porto Alegre: Sulina, 2021.
391 p.; 14x21cm.

ISBN: 978-65-5759-037-9

1. Sociologia – Mudanças Sociais. 2. Cultura – Brasil. 3. História do Brasil - Modernidade. Título.

CDU: 316.42

CDD: 301.2981

981

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Julho/2021

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Para
Ana Cláudia
e Michel Maffesoli

“A palavra futuro está em decadência.”

Octavio Paz

Sumário

Prefácio à edição de 25 anos (1996-2021)	9
Em busca da aventura.....	17
Parte I – Genealogia da representação elementar brasileira	
1. A busca do paraíso.....	43
2. O império da modernidade.....	79
3. Às margens das metodologias herméticas.....	117
4. Festa, ufanismo e futuro	151
Parte II – A natureza do presenteísmo brasileiro	
1. Sob o signo da vida cotidiana.....	183
2. À sombra da religião renovada.....	207
3. Ficção e realismo na televisão brasileira	221
4. O drama do real.....	249
Parte III – A modernidade e a pós-modernidade: argumentos e especulações	
1. A era da diversidade	275
2. O fantasma do novo irracionalismo	309
3. A inexistência da pós-modernidade	331
Referências	367

Prefácio à edição de 25 anos (1996-2021)

Um quarto de século correu entre este prefácio e a primeira edição brasileira de *Anjos da perdição – futuro e presente na cultura brasileira* (Sulina, 1996). Como se diz, uma vida. Trabalhei na produção deste texto entre 1991 e 1995, em Paris, como tese de doutorado, que seria defendida, sob a orientação de Michel Maffesoli, na Sorbonne, Paris V, René Descartes, num mês de março de muitas alegrias e apostas. Na banca, na linda e pomposa sala Louis Liard, Edgar Morin e Jean Duvignaud. Na plateia, Jean Baudrillard. No meu coração, Cláudia. Nos bastidores, caipirinha e quitutes brasileiros para a comemoração. Obtido o doutorado, voltamos para o Brasil, alguns meses depois, trazendo as mutações obtidas com estudos, pesquisas e com a experiência de correspondente internacional do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, na Europa, cobrindo festivais de cinema de Cannes, Berlim e Veneza, salões do livro como o de Frankfurt, eventos esportivos na Itália e na Grécia e política por toda parte.

A tese virou livro no Brasil e na França (*Brésil, pays du présent*. Desclée de Brouwer, 1999). Uma leitura da cultura brasileira como “laboratório” involuntário da pós-modernidade. Do futurismo previsto por Stefan Zweig ao

presenteísmo pressentido por Michel Maffesoli, ambos apaixonados pelo Brasil. Nesses 25 anos, tão efervescentes e inesquecíveis, passamos pelo 11 de setembro de 2001 e pela pandemia do coronavírus. A pós-modernidade, rejeitada pela esquerda nos anos 1990, sob suspeita de conservadorismo, assumiu uma face progressista e revolucionária sob o rótulo de estudos decoloniais ou pós-coloniais, uma vertente do pós-estruturalismo que já se refestelava naqueles dias em que eu também me fartava de conhecimentos nos cursos de Jacques Derrida na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris ou nas aulas de Umberto Eco no Colégio da França, onde o mestre italiano falava da procura por uma língua perfeita e dos limites da interpretação. Nos bares, Baudrillard me contava sobre o fim do fim.

De volta a Porto Alegre e ao jornalismo de redação, parte da esquerda me consideraria retrógrado por estar modestamente à frente de alguns dos seus dogmas sobre o passado e principalmente sobre o futuro. Alguns ainda louvavam os feitos da União Soviética, outros cantavam amanhã sem classes nem lutas, muitos se apegavam aos gostos bem hierarquizados da cultura, a maioria pregava contra os perigos do relativismo e das relativizações, era preciso se agarrar aos textos sagrados para não perder o norte e navegar com segurança rumo ao paraíso. O marxismo puro e duro ensinava que a questão da desigualdade era social, e não racial. As questões de gênero ainda eram marginais nos debates. A internet engatinhava. Conseguir um provedor era uma aventura grandiosa.

Texto de um jovem sem medo, típico de uma idade em que se esbanja coragem, leveza e verdades, mesmo sendo

relativista e pós-moderno, meu livro ousava defender – ainda ousa – que *Casa-grande & senzala* não inaugura nem cristaliza a ideia de democracia racial no Brasil. Gilberto Freyre foi cristalino na ênfase ao aspecto econômico como determinante na constituição das relações sociais estruturadas sobre um “equilíbrio de antagonismos” e não deixou de destacar o conflito e a crueldade, sob a forma de sadismo, num universo de senhores e escravos que se entenderia até 13 de maio de 1888. Na época em que escrevi este livro, era permitido pensar na miscigenação como um ganho contra o racismo, e não como um ardil da branquitude para perpetuar seus privilégios. Mais do que tudo, *Anjos da perdição* embrenhava-se no cotidiano de uma sociedade desigual, vivendo o presente com fome de gozo, enquanto intelectuais e políticos prometiam um futuro que se afastava, como o horizonte, a cada lenta aproximação.

Neste quarto de século transcorrido e escorrido pelo ralo das convicções históricas muito se confirmou: toda crítica a um gosto se tornou abuso de julgamento. Todos os gostos passaram a ser vistos como equivalentes por falta de fundamento para qualquer hierarquia. A hermenêutica foi de centro de tudo, quando tudo era interpretação, para uma morte por inanição: não é mais possível interpretar. Tudo se apresenta como transparente e indiscutível. As perguntas agora são estas: se não há hierarquia de gosto, pode haver hierarquia de obras? Pode existir legitimidade em criticar uma cultura ou todos os traços culturais, inclusive os que possam chocar alguma sensibilidade, são igualmente aceitáveis? O único absoluto é relatividade cultural? As provocações ainda são feitas. Mas o espectro do cancelamento ronda as redes onde se embalam os juí-

zes no tribunal, definindo que argumentos e provas podem ser aceitos.

Escrevi esta obra de autoconhecimento à sombra longa da Torre de Montparnasse, gigantesco edifício de vidro escuro, considerado um horrendo troféu da arquitetura pós-tudo. O nosso microscópico apartamento – situado num beco sem saída – todo forrado de lilás por gosto de uma simpática proprietária que havia flertado com o psicodelismo antes de se recolher a uma vida pacata, ficava grudado num museu de quase nenhuma frequência, o Bourdelle, a dois passos da silenciosa redação envidraçada do jornal *Le Monde*, que se mudaria dali por ser caro demais financiar tanto silêncio, tudo isso rente à pracinha Camille Claudel. Um emaranhado de signos e de símbolos que, de algum modo, ajudavam a pensar o Brasil, de longe, por comparação com uma realidade tão singular e com a qual sempre tivemos uma ligação de admiração e de cópia. Melhor dizer que sofremos influência francesa em muitas coisas. Depois, viramos norte-americanos. Ainda somos.

Em busca de uma complexidade sinuosa, *Anjos da perdição* encantava-se com a vida como ela se dá a ver no dia a dia das maiorias dispostas a viver apesar de tudo... Apesar dos governantes, da desigualdade, das grandes perdas e pequenos ganhos, das utopias fracassadas, dos políticos, dos donos do poder, dos donos do dinheiro, da força das estruturas, etc. Se o universalismo abstrato foi expulso pela porta da frente, entrou pela janela o determinismo estrutural, do qual ninguém estaria livre. Como então mudar? Como perceber os erros? Como detectar as

falhas? Qual é o mistério que explica o fato de que alguns se livram do determinismo e outros não? Essas perguntas já me atormentavam em 1995. Hoje, elas se infiltram na minha cabeça à medida que as brechas parecem extintas.

Determinação e determinismo não são o mesmo. A força das estruturas é fascista: faz falar, agir, comportar-se de determinada maneira. O leitor percebe o rastro de Roland Barthes nessa afirmação ligeira. A estrutura é coercitiva. Impõe. Há, contudo, um paradoxo cognitivo. Mesmo sob influência, o espírito/mente pode divergir. Se por um lado há superfaturamento da subjetividade, como se tudo dependesse da subjetividade de cada um, até a esfericidade ou não da Terra, por outro lado o determinismo cognitivo imporia uma única maneira de ver, fornecendo um programa fechado ao cérebro de cada indivíduo inserido numa cultura. Nos séculos da escravidão um efeito de contaminação marginal fez ex-escravos terem escravos. Minha leitura do mundo sempre persegue essa abertura cognitiva que permite desviar, romper o lacre, saltar a cerca do determinismo, escapar da própria cultura, tirar a camisa de força, surgir do outro lado do rio. Essa perspectiva norteia a investigação sobre esses anjos da perdição, nós, brasileiros, errantes, passionais, hedonistas.

Faria tudo outra vez se preciso fosse? Cantaria as mesmas canções? Escreveria o mesmo livro? Defenderia as mesmas ideias? Certamente. Talvez tentasse ser menos cético e mais relativista, menos encantado e mais encantador, menos pós e mais pré, mais tudo e menos isto ou aquilo. Voltaria a Paris para, à sombra da mesma torre, ser mais brasileiro do que nunca. Então, perguntaria novamente: o que é ser brasileiro? Quando termina a cultura

e começa a liberdade individual? Onde se situa a fresta pela qual o homem passa para ser ele mesmo ainda que cultural? Um quarto de século e nada a perder. Um quarto de século e muitas lições a tirar: a vida flui por entre escombros, não há linha reta nem circularidade garantida, o caminho se faz de muitos modos, avançando e recuando, contornando e atacando outra vez, numa tentativa desesperada de furar o bloqueio, seja ele qual for, onde se esconde o rato silvestre da poesia, aquele ser que se disfarça no que é para melhor ser o que não mais será.

Nesses 25 anos fui professor, jornalista, radialista, pesquisador, escritor – romancista, ensaísta, poeta –, tradutor e pessoa, um homem em busca de si mesmo na periferia da pós-modernidade, como se estivesse todo tempo tentando reencontrar esses anjos da perdição dos meus 30 anos na Europa. Eu era jovem e tinha certeza de que entenderia as coisas, contribuiria para o conhecimento, escreveria belas páginas, seria lido ao cair das tardes para criar uma aura, um imaginário, uma ideia de algo indefinido, mas profundamente coeso. Assim foi e não foi. Assim é. O livro fica, aqui está, revisto, relido, atualizado, renovado, com nova capa, vestido para uma nova era, um novo tempo, o seu tempo realizado.

Reincido. Assino meu velho livro com um novo ardor. Atrevo-me a dizer que não errei muito. Seria indecoroso afirmar que acertei bastante. Não pretendo ter antecipado o futuro. Vivi aquele presente como uma dádiva. Todas as minhas ideias, que podem não ser muitas, mas tenho por elas afeto, estão neste livro de um jovem doutor apaixonado pela vida, atento ao extraordinário do cotidiano, observador de auras e imaginários. Michel Maffesoli me ajudou

a conquistar o presente. Edgar Morin me estimulou a buscar a complexidade. Jean Baudrillard me ensinou a ironia. Nunca mais fui o mesmo. *Anjos da perdição* é testemunha de minha mutação. Paris me fez enxergar melhor o Brasil. Os clássicos, que reli na solidão do autoexílio, semearam pistas que nunca deixarei de seguir. Peço desculpas por não ter sido menos autocomplacente com a obra de minha vida. Outra alegria que não perece é de ter este livro sido publicado por um jovem editor, Luis Gomes, cujos cabelos brancos atuais testemunham dos seus êxitos na atividade e da sua perseverança no ofício. Obrigado, amigo.

Juremir Machado da Silva
Professor da PUCRS